

FAGULHA



EDIÇÃO N°19

@FAGULHA_JORNAL

15 MAIO 2026

PARA QUE SERVE A FILOSOFIA?

Você já refletiu sobre como, apesar de vivermos em um mundo com tantas tecnologias criadas com as ciências especializadas, experienciamos problemas sociais como a extrema miséria? Ou ainda, que mesmo diante das revoluções industriais e científicas, nós dedicamos a maior parte de nosso tempo ao mundo do trabalho? A partir dessas contradições, Max Horkheimer e Theodor Adorno construíram a Teoria Crítica, apontando sobretudo para a necessidade entre a conciliação do trabalho intelectual junto da prática revolucionária. Como práxis marxista, seus autores desvelam como as formas de saber estão inevitavelmente conectadas com as relações de poder presentes na sociedade capitalista, especialmente quando constatamos

"O CAPITALISMO É ANTIFILOSÓFICO"



que o progresso científico é proporcional à injustiça social e barbárie. No caso da Filosofia, embora que nem todas as filosofias sejam anticapitalistas, nota-se que o capitalismo é antifilosófico, uma vez que a Filosofia também serve para reaprendermos a (vi)ver o mundo. Assim, a Filosofia aparenta ser inútil no capitalismo contemporâneo porque o valor produzido por ela é diferente de uma mercadoria. Não se trata de algo imediato como o salário ou lucro, mas de uma valorização da vida. E, no sentido da Teoria Crítica, não há como dignificar a existência em um sistema que produz computadores no mesmo ritmo em que origina a fome. Autoras: Maria Lopes e Yohana Wanciw.

FAGULHA



EDIÇÃO N°19

@FAGULHA_JORNAL

15 MAIO 2026

OLHAR POPULAR

Nos últimos tempos, observa-se uma tendência deveras danosa na sociedade: a lógica do super-herói aplicada à política. Ao modo de um Batman ou de um Superman, espera-se o líder salvador e sem defeitos, que, num passe de mágica, resolverá todos os problemas da sociedade. É justamente nesse ponto que se encontra o problema: a política deixa de ser um campo do pensamento, da discussão e do debate, convertendo-se numa espetacularização barata, onde o herói de um campo político torna-se vilão do outro e vice-versa. Resta o ódio e o ataque. Um mesmo povo se divide. Triunfa a irracionalidade. E o pior: perdem-se de vista as pautas populares e que realmente importam ao coletivo. Enquanto isso, os donos do poder, unidos e com uma consciência de classe sem igual, assistem a tudo isso vitoriosos. Não precisam de um super-herói que atenda aos seus interesses. Um povo dividido pela necessidade de um,



já basta para tal. A mensagem final é uma só: que a lógica do super-herói seja superada e que o povo se entenda novamente enquanto povo, procurando juntos, pela via da ação, a solução de suas questões fundamentais. Somente assim alcançaremos uma política verdadeira e uma democracia digna desse nome. Autoria: Alaércio Bremmer e Wanessa Santos.

FAGULHA



EDIÇÃO N°19

@FAGULHA_JORNAL

15 MAIO 2026

FOGO OU FUMAÇA?

“Lula é de esquerda”. Fogo ou fumaça? Normalmente, avalia-se um projeto político de esquerda de dois modos: através de uma vinculação à uma esquerda nacionalista típica dos séculos XIX e XX, ou na relação com pautas da esquerda liberal, que triunfa com o fim da União Soviética, em 1991. A esquerda nacionalista tem sua política voltada para as estatais e a criação de uma indústria nacional, buscando autonomia diante do imperialismo e uma possível ruptura com o capitalismo. As Parcerias Público Privadas e as privatizações ocorridas nos governos de Lula, enfraquecendo estatais e o serviço público, não nos autorizam a vinculá-lo a uma esquerda histórica ou ortodoxa. A esquerda liberal preza por uma gestão consciente do capitalismo, inclusão de minorias políticas nos espaços de poder e luta por liberdades individuais, enfrentado os temas do

encarceramento em massa, liberação das drogas, aborto, etc. A ausência de uma Agenda Verde, a exclusão de minorias políticas de espaços de poder, o crescimento do número de presos provisórios e definitivos e a postura conservadora diante de debates sobre drogas e aborto, também não vinculam Lula à uma esquerda liberal. Como Lula mesmo responde: “Se você perguntar para mim se sou de esquerda ou de direita, eu vou dizer que sou torneiro mecânico de profissão, católico por opção religiosa, e corintiano por opção futebolística”. Logo, temos uma afirmação esfumaçada: Lula não é de esquerda. Autores: Luiz Henrique Moreira e Thiago Stadler.



FAGULHA



EDIÇÃO N°19

@FAGULHA_JORNAL

15 MAIO 2026

VOCÊ CONHECE?

Ao pensar em fenomenologia e existencialismo, grandes nomes vêm à mente, pensadores/as cujo tamanho podem obscurecer outros intelectuais de suma importância. O filósofo francês Maurice Jean Jacques Merleau-Ponty foi um dos mais originais do período pós-segunda guerra. Seu pensamento compreendia aquilo que muitas correntes filosóficas separaram de maneira rígida, o corpo, a mente e a experiência vivida. Seu trabalho não se limita em um pequeno âmbito da filosofia. Suas análises perpassam a psicologia, a arte e os avanços científicos de seu tempo. Problematiza, principalmente, a separação entre corpo e mente em oposição à tradição racionalista, que frequentemente colocava a consciência acima do corpo, o filósofo compreendia o corpo não como um simples objeto biológico, mas como a própria condição da experiência humana. Em sua principal obra,



Fenomenologia da Percepção, Merleau-Ponty argumenta que não somos consciências isoladas observando a realidade à distância. Nossa relação com o mundo acontece através do corpo, da percepção e do contato direto com as coisas. Antes mesmo de racionalizar algo, já estamos mergulhados em uma experiência sensível do mundo. Dessa forma, Merleau-Ponty não se encaixava completamente nem no empirismo nem no racionalismo. Sua originalidade consistia justamente em superar essa divisão, propondo uma filosofia onde percepção, linguagem e existência estão profundamente entrelaçadas. Autores: Guilherme Ferreira e Caique Augusto.

FAGULHA

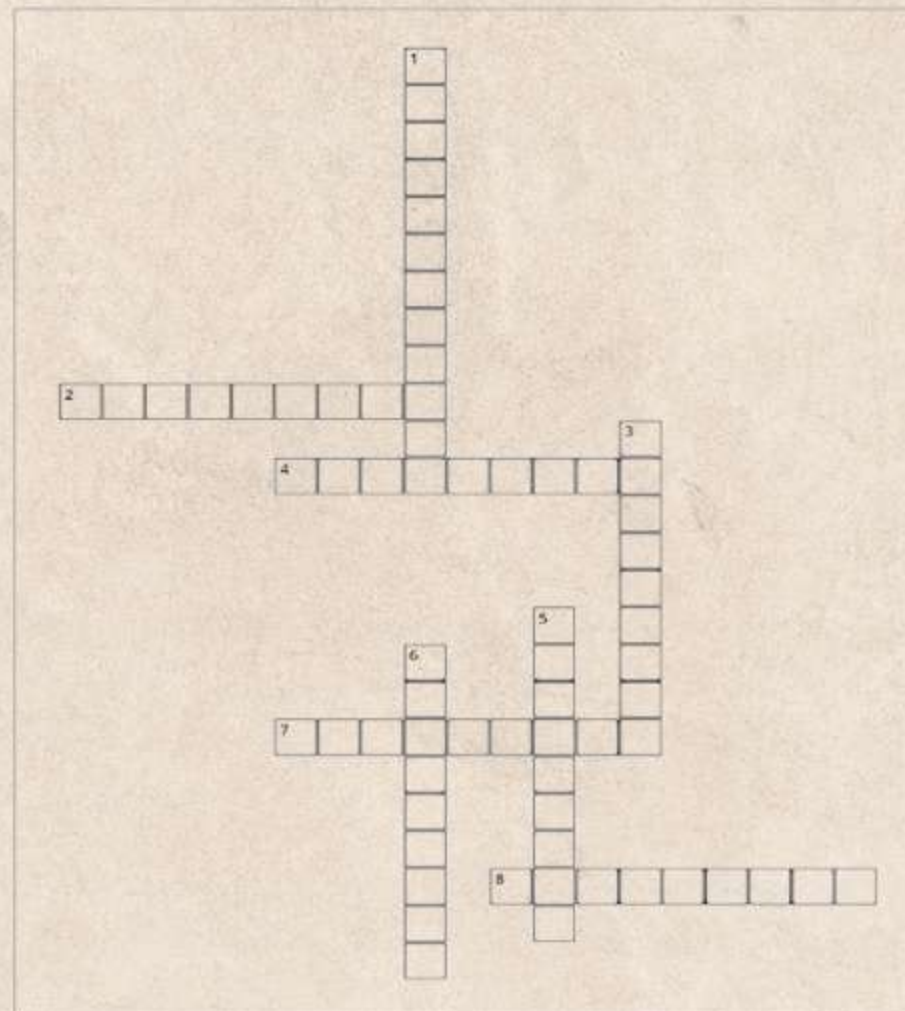


EDIÇÃO N°19

@FAGULHA_JORNAL

15 MAIO 2026

LABIRINTO



Horizontais

2. Classe proprietária dos meios de produção
4. Conflito entre classes sociais com interesses opostos
7. Documento político escrito por Marx e Engels em 1848
8. Método de análise baseado nas contradições e transformações históricas

Verticais

1. Classe social que vive da venda de sua força de trabalho
3. Sociedade sem classes imaginada como superação do capitalismo
5. Valor produzido pelo trabalhador e apropriado pelo capitalista
6. Processo pelo qual o trabalhador se torna estranho ao produto de seu trabalho

Autor: Thiago Stadler.

FAGULHA



EDIÇÃO N°19

@FAGULHA_JORNAL

15 MAIO 2026

ARRUAÇA

Hoje, no hospital, houve uma breve, ótima e linda interrupção. Um senhor saiu do consultório, despedindo-se de modo inusitado dos que ali aguardavam. Agora uma digressão: acho engraçada a palavra paciente às pessoas que estão em um hospital. Somos, sobretudo, impacientes. O senhor nos disse com tranquilidade: “Agora, vou-me embora. Pegar um litro de pinga, umas cervejas, uma carne de porco e avisar à funerária, eles que resolvam o problema!”. Foram muitos os risos, e o ambiente por meio deles se vivificou, como se o peso que lá pairava tivesse uma licença poética para sumir. Prosseguiu: “Eita! Essa coisa que ninguém escapa, não é mesmo?! Se quiser ou não quiser, vai acontecer, não há jeito para esse troço. Negócio esquisito, né! Essa tal morte. Ninguém pede e todo mundo já a tem por certa. Uma coisa da qual ninguém sabe se é boa ou ruim, pois ninguém de “lá” voltou pra dizer se está bem ou não”. Disse por fim: “Essa coisa esquisita, nos pega emprestados e não devolve mais!”.

Aquele senhor foi embora, fiquei eu rindo, eu que tenho o riso fácil, ainda mais com boas histórias e pessoas que veem o mundo com outras lentes. Ali rindo, pensei nas palavras daquele senhor, as quais se não soavam como reflexões filosóficas sobre a vida e morte, eram então poéticas e valiosas. Eu, que não queria estar ali, sorri e entendi, é preciso encontrar tranquilidade para viver a vida e olhar nos olhos daquilo que nos espera no fim, como quem veio, experimentou, gostou e entendeu...
Autoria: Samuel Cardoso e Flávia Janaina Abuda.



FAGULHA



EDIÇÃO N°19

@FAGULHA_JORNAL

15 MAIO 2026

FILOSOFINHAS/OS

Quando dormimos, sonhamos com o possível e o impossível; podemos voar pelo céu ou caminhar até a escola. Mas alguns sonhos, mesmo impossíveis, parecem tão reais que nos fazem duvidar: o que é real? E se agora mesmo você está sonhando, acreditando que está acordado? René Descartes se fez essa pergunta muito tempo atrás, quando investigava essa questão sobre a existência das coisas verdadeiras. E isso inclui o próprio homem: afinal, "será que eu mesmo existo?", ele questionou. E se existe, ele é um corpo? Ora, um corpo não sonha. René percebeu que essa era uma pergunta muito mais difícil do que parece. Com muita reflexão, ele chega ao pensamento, e já encontra outro obstáculo: e se ele estiver sendo enganado por algo maior? Tudo o que sabe (ou que pensa que sabe) estaria embaralhado, talvez o mundo nem exista!



É então que Descartes percebe que, mesmo que esteja sendo enganado, ele ainda pensa, e quando pensa, existe. O filósofo consegue provar sua própria existência enquanto pensa; ainda não sabe o que é, nem como é, mas sabe que "penso, logo existo", tendo ao menos essa certeza na vida, pois se trata de uma verdade tão clara e segura que não se pode duvidar. Autoras: Danieli Kirschner, Heloyse Tomal e Cristiane Baniski.

FAGULHA



EDIÇÃO N°19

@FAGULHA_JORNAL

15 MAIO 2026

FILOSOFIA ILUSTRADA

Para que eu escreva
um poema não político,



preciso escutar
os pássaros.



E para que eu ouça os pássaros,
os aviões de guerra
precisam se calar.

Marwan Makhoul

